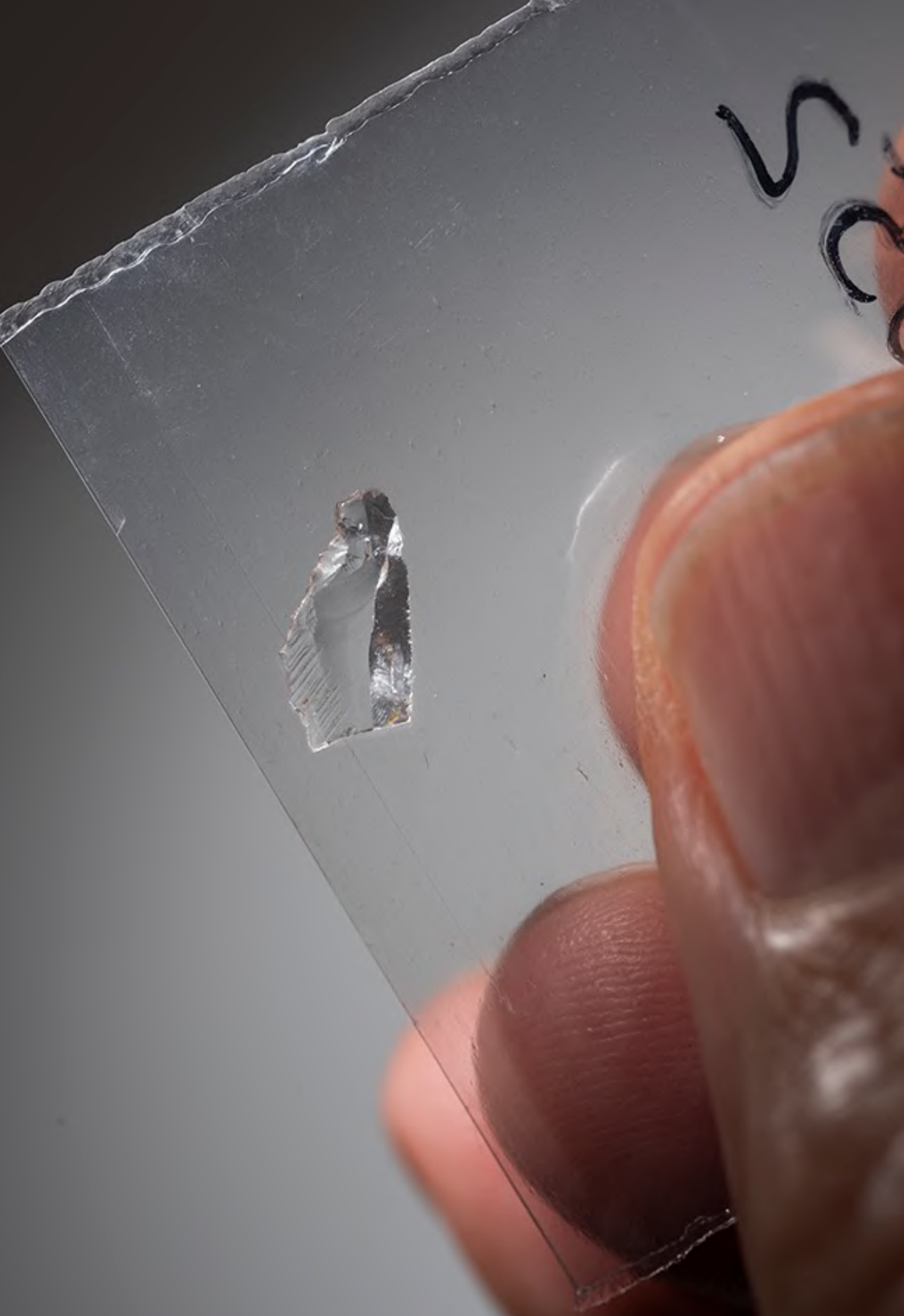




Ferramentas, para que vos quero?

Ana Cristina Araújo | Cristina Gameiro

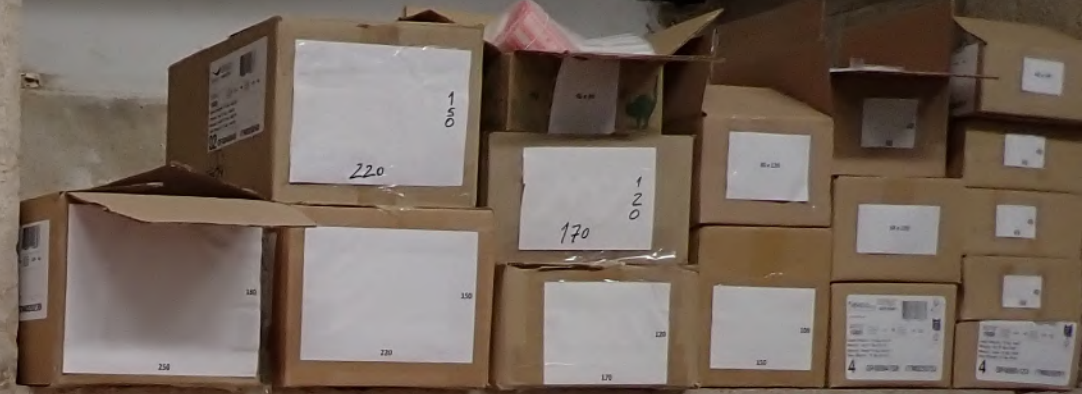
O conjunto lítico recuperado em Lapas Cabreiras (2013-2022) constitui, por razões diversas, um desafio à investigação arqueológica, sendo uma componente fundamental no processo de interpretação do estatuto funcional do sítio e do seu posicionamento cronológico. À primeira vista dir-se-ia que, em Lapas Cabreiras, tudo gira em volta do seu Painel Pintado.

Será?

Com efeito, é inevitável a associação que, de imediato, todos estabelecemos entre a produção das figurações esquemáticas rupestres e os vestígios materiais ali abandonados, sobretudo líticos e cerâmicos.

Quais as relações, se é que efetivamente existem (ou as conseguimos descortinar) entre os muitos tempos que o número de sobreposições e de composições criadas na superfície do grande painel pintado indica (Reis *et al.*, 2017; Cardoso *et al.*, 2023) e a sequência sedimentar escavada no abrigo e nas suas imediações?

Estas são algumas das questões subjacentes à análise efetuada ao conjunto lítico de Lapas Cabreiras, a que se juntam outras relacionadas com i) a sua representatividade e ii) o seu contexto tafonómico.



Embora o estudo esteja por concluir (a análise está, porém, terminada), é possível proceder à seguinte caracterização sumária da série lítica, composta por pouco mais de 1200 itens (inclui volumes não modificados por acção antrópica):

1. Uma representação bastante elevada (c. 40%) de fragmentos (entre os quais termoclastos) e manuportes (sobretudo seixos inteiros ou fragmentados) transportados para a área do abrigo a partir de fontes de aprovisionamento localizadas nas suas proximidades;

2. A presença maioritária do quartzo (c. 65%), representado por distintas variedades – e com propriedades igualmente muito distintas considerando à sua maior ou menor aptidão para o talhe – seguindo-se o quartzito (c. 16%), sobretudo de grão médio e grosseiro, depois um conjunto variado de rochas ígneas (como o granito, o riólito, o gabro e o microgabro, por exemplo) e clásticas (como os conglomerados) que, no seu conjunto, representam c.16%; por fim, com uma representação muito mais reduzida, o grupo

dos chertes (c. 1,5%), no qual se incluem distintas rochas siliciosas, entre as quais o sílex, de proveniência supra-regional.

3. Relativamente ao tipo de suportes documentado destacam-se:

a) as lascas, cuja frequência se situa em torno dos 46%, constituindo, portanto, a classe tecnológica com maior representação, tendo sido produzidas praticamente a partir de todas as matérias-primas documentadas no sítio, mas com claro predomínio do quartzo (c. 68%, considerando o conjunto das lascas);

b) as seis lamelas em quartzo e em sílex;

c) o grupo das esquirolas, com uma representação bastante reduzido (c. 6%);

4. Lascas, lamelas, esquírolas e outros restos de talhe de difícil caracterização tipológica (c. 14%) foram produzidos a partir de núcleos sobre seixo, bloco, fragmento ou lasca, muito pouco padronizados relativamente à sua morfologia e dimensão. A representação deste grupo tecnológico no interior da série lítica situa-se em torno dos 13%. Destacam-se, deste conjunto:

- a) Os núcleos poliédricos, que constituem a grande maioria, que exibem negativos da produção de lascas de dimensão e morfologia muito variadas;
- b) Os núcleos bipolares (um pequeno conjunto de apenas 10 exemplares), destinados à produção de suportes de pequena dimensão (lascas, lamelas e esquírolas);
- c) Os pequenos núcleos para lamelas (7 exemplares), de dimensão e morfologia padronizadas, que utilizam como suporte uma lasca ou um fragmento; a exploração faz-se a partir desse diedro pré-existente;
- d) Os núcleos com levantamentos centrípetos utilizados para a extração de lascas sem qualquer padronização;

5. A utensilagem (c. 20%) integra um conjunto muito diversificado de peças igualmente pouco normalizadas na morfologia, no tamanho, no tipo, extensão e localização do retoque, no suporte utilizado. Incluem-se, neste conjunto, os denominados utensílios à posteriori (de gumes e arestas massacrados, com entalhes ou denticulados irregulares e por vezes muito pouco profundos; enfim, peças alteradas pelo contacto com outras matérias). De entre o conjunto de suportes e volumes transformados (ou com sinais de uso) destacam-se:

- a) Os utensílios robustos, de arestas e gumes bem massacrados por cinemáticas de utilização que relacionamos com a percussão lançada;
- b) As lascas ou fragmentos de lasca com retoques irregulares, descontínuos e muitas vezes atípicos (sem uma delineação específica), num ou em ambos os bordos.

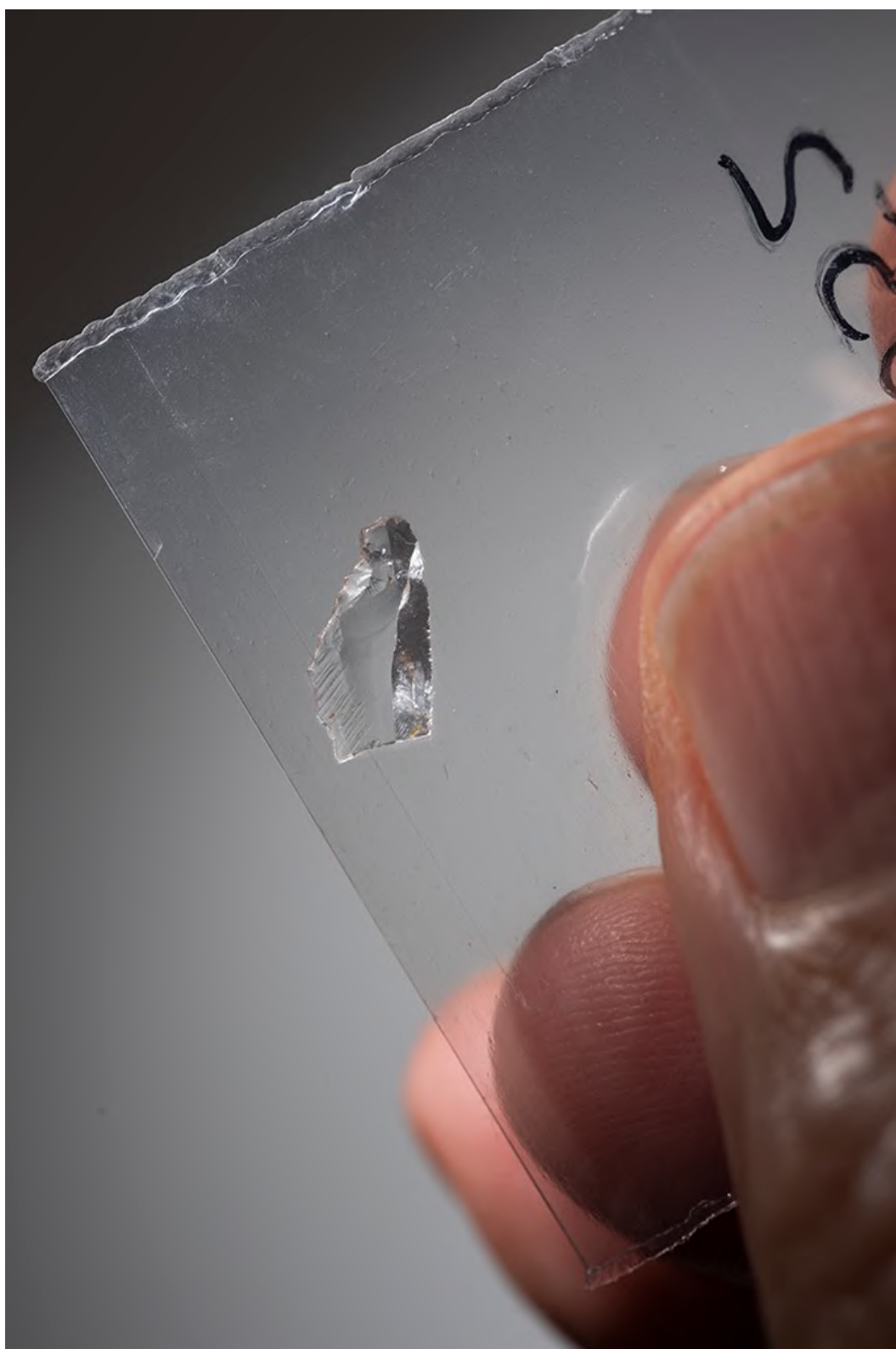


Fig. 1 - Lamela em quartzo hialino com retoque abrupto marginal (LPC_052). © J.P. Ruas

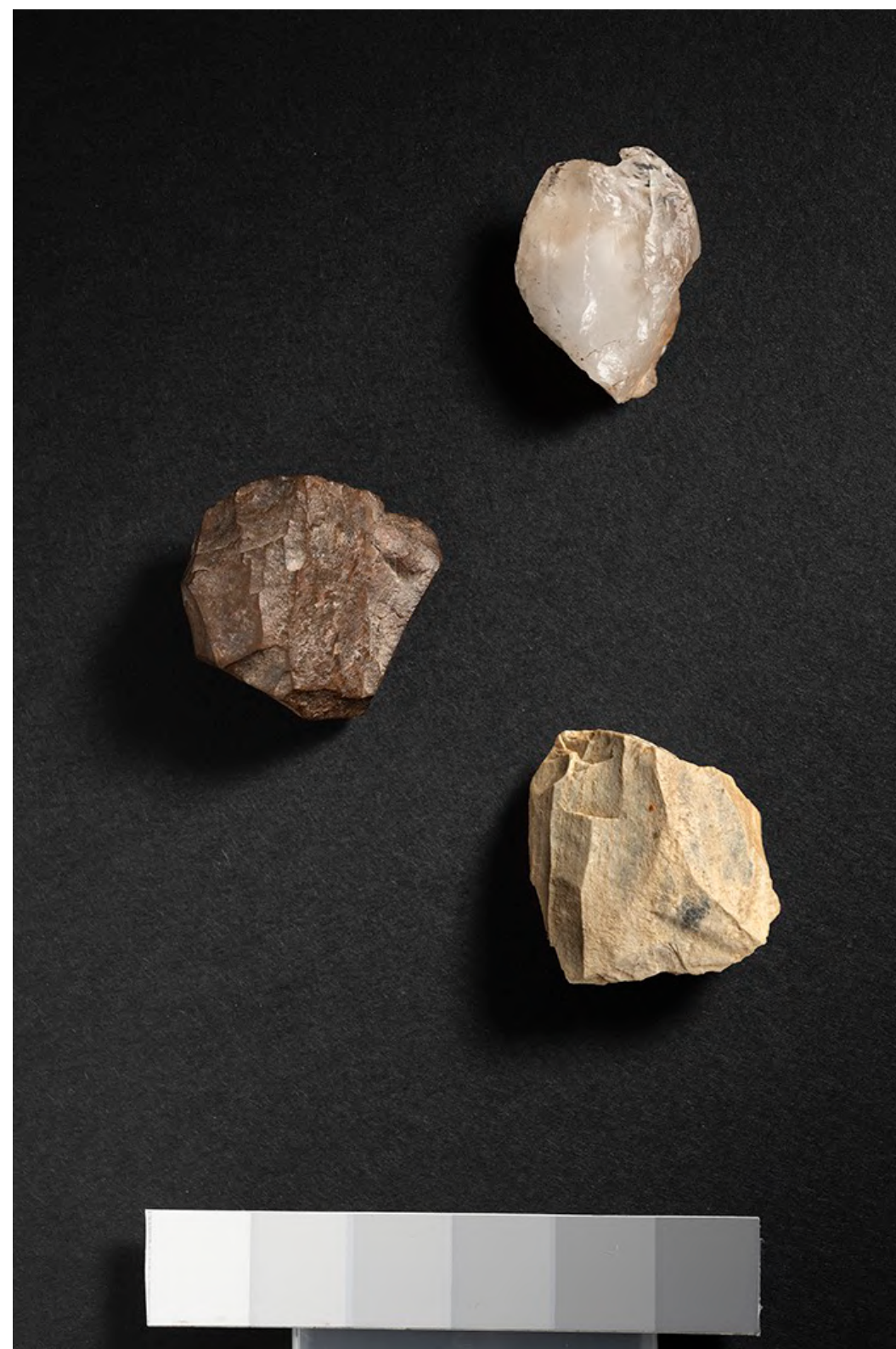


Fig. 2 - Núcleos para lamelas em quartzo hialino (em cima), em siltito (à esquerda) e em riólito (em baixo) (LPC_164+129+137). © J.P. Ruas



Fig. 3 - Utensílios produzidos a partir de distintas variedades de quartzo (LPC_126+210+123). © J.P. Ruas



Fig. 4 - Provável ponta de seta (fragmento proximal) em sílex (LPC_194).
© J.P. Ruas



Fig. 5 - Utensílio robusto, tipo disco, em quartzito (LPC_367). © J.P. Ruas



Figs 6A e 6B - Lâmina retocada em quartzo. A. Face dorsal; B. Gume direito (LPC_290 A e B). © J.P. Ruas



Fig. 7 - Núcleo bipolar em quartzo hialino (LPC_403). © J.P. Ruas



Fig. 8 - Núcleo centrípeto em quartzito (LPC_427). © J.P. Ruas

Do que foi dito atrás, é possível concluir que, em Lapas Cabreiras, as cadeias operatórias de produção lítica estão claramente incompletas (ou truncadas), existindo uma evidente desproporção na forma como se encontram representadas determinadas categorias tecnológicas.

Se juntarmos a esta caracterização sumária outros ingredientes, como sejam as variáveis Tempo (há uma estratigrafia que não pode ser escamoteada) e Espaço (distribuição dos líticos por sectores e sondagens), tudo se torna bem mais complexo, mas também mais desafiante. Por fim, e não menos importante para o ensaio de interpretação do sítio, há que considerar i) as restantes componentes artefactuais, em particular a cerâmica e ii) as suas condições de jazida, estabelecendo assim os patamares de confiança do

registo. A presença de grandes blocos de abatimento de antigas palas do abrigo, por exemplo, criou na “zona de acomodação” do abrigo vazios que foram sendo preenchidos por sedimentos e materiais oriundos de diversos pontos e cuja ordem de deposição importa esclarecer.

A análise efetuada à componente lítica de Lapas Cabreiras mostra que, no sítio, foram desenvolvidas atividades que exigiram o uso de ferramentas em pedra. O ciclo de produção dessas ferramentas processou-se, em alguns casos, no próprio local, mas houve, também, utensílios, suportes e volumes que ali entraram já formatados/conformados. A natureza funcional dessas atividades – o que se foi ali fazer – e a sua relação (se existiu) com a arte rupestre é, no estado atual das nossas investigações, uma incógnita ainda.



Fig. 9 - Lamela em quartzo hialino com retoque marginal (LPC_411). © J.P. Ruas



Fig. 10 - Machado polido (LPC_444). © J.P. Ruas

Bibliografia:

Reis, M., Alves, L.B., Cardoso, J.M., Carvalho, B. 2017. Art-facts - os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no Vale do Coa. In Garcês S.; Gomes, H; Martins, A.; Oosterbeek, L., *A Arte das Sociedades Pré-Históricas (Actas do IV Congresso de Doutorandos e Pós-doutorados, 26-29 Novembro, Mação, 2015)* *Techne* 3 (1): 97-111.

Reis, M.; Alves, L.B. 2023. Entre o Coa e o Douro, nos longos milénios do pós-glacial: quadro de referência da arte rupestre da Pré-história Recente da região do Coa. In Correia, D.; Santos, A.T., eds., – *Por este rio acima: a Arte pré e proto-histórica do Vale do Côa. Estudos em Homenagem a António Fernando Barbosa*. pp. 117-180. Vila Nova de Foz Coa: Fundação Coa Parque.